

Aprendendo a ser votado

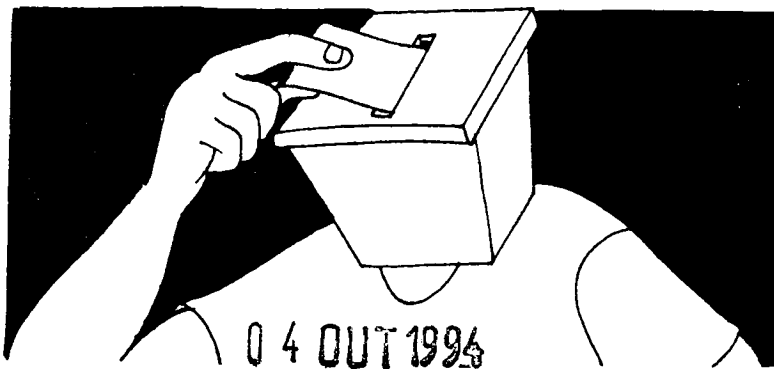
JOSÉ NÉUMANNE

JORNAL DA TARDE

Mais uma vez, o povo brasileiro dá uma grande lição a suas elites, comprovando a velha frase de San Thiago Dantas, segundo quem ele é realmente muito melhor do que elas. As eleições gerais de ontem foram uma grande festa cívica, mas, muito mais do que isso, ocorreram num clima de tranquilidade, que denota, de forma inequívoca, a maturidade da sociedade brasileira para tomar as decisões importantes, definidoras de seu destino.

Perdedores previamente anunciados tentaram pôr em dúvida o processo eleitoral. Certamente amargurado pelos baixíssimos índices de preferência popular, que lhe foram atribuídos pelos institutos de pesquisa, o ex-governador do Rio Leonel Brizola fez campanha sistemática, em seus "tijolaços" publicados nos jornais, tentando desacreditar, não apenas tais institutos, mas também outras instituições envolvidas, como a imprensa, os meios de comunicação e até a justiça eleitoral. O escândalo Proconsult, que quase tirou sua vitória para o governo do Rio, em 1982, continua a servir de pretexto para o caudilho exercer seu direito de espernear, todas as vezes em que perde mesmo uma eleição.

Luiz Inácio Lula da Silva fez pior: não recorreu aos leitores brasileiros para denunciar a "ilegitimidade" das eleições gerais brasileiras, mas a uma revista estrangeira, a espanhola **Cambio 16**. Quando tinha a eleição presidencial como vencida, antes do Plano Real, o candidato da Frente Brasil Popular não



AS ELEIÇÕES DEMONSTRAM A
MATURIDADE DA SOCIEDADE BRASILEIRA
PARA TOMAR DECISÕES IMPORTANTES,
DEFINIDORAS DE SEU DESTINO.

manifestou suspeitas sobre a lisura do pleito. Mas, à medida que foi perdendo terreno, suas desconfianças foram aumentando, a ponto de fazer uma denúncia por meio da imprensa estrangeira, como se a brasileira não fosse imparcial, a ponto de acolhê-la e divulgá-la.

Às vésperas do pleito, o candidato do PMDB, Orestes Quércia, também entrou no minuetto dos maus perdedores, dizendo serem estas eleições menos legítimas do que as realizadas durante o regime militar. A declaração não faz justiça à biografia de um líder político que construiu toda a sua carreira sobre os alicerces do voto popular. Os eleitores, os meios de comunicação e os institutos de pesquisa não têm culpa se o ex-governador de São Paulo, com os olhos tapados pela viseira das próprias ilusões, não tenha percebido o impacto produzido no

quadro político por uma nova moeda forte no bolso do trabalhador. Aliás, Quércia está pagando, com juro e correção monetária, tudo o que fez contra Ulysses Guimarães, em 1989, e é vítima do mesmo tipo de cegueira que levou o "Senhor Diretas" ao vexame.

Sábio e previdente como sempre, o povo fez ouvidos de mercador às desculpas amarelas dos perdedores. E se comportou de forma civilizada, mostrando que, do ponto de vista político, o Brasil está mesmo chegando rapidamente ao primeiro mundo. Não cabe discutir as decisões que foram tomadas ontem pelos eleitores no momento em que depositaram aos milhões as cédulas brancas e amarelas nas urnas. Aprende-se a votar votando e a sociedade brasileira deu ontem mostras de sobra de ter uma capacidade de aprendizado muito rápida.

Frases infelizes como "o povo brasileiro não sabe votar" — foram definitivamente atiradas ao lixo, onde fazem companhia às eternas dúvidas sobre a capacidade que o eleitorado teria de preencher, corretamente e no tempo exigido, as cédulas com os nomes de seus candidatos preferidos. Os autores dessas frases e divulgadores desses preconceitos são os eternos sócios das aventuras autoritárias e estão permanentemente se candidatando ao posto de tutores da vontade popular, sem estar preparados sequer para entender os anseios e as potencialidades do povo, que julgam ter o dever de orientar.

Quem compareceu ontem a qualquer seção eleitoral no território brasileiro teve a nitida e correta sensação de estar vivendo num País civilizado e amante da ordem, semelhante à imagem que se faz da Suíça ou da Suécia. Mas não era um nem outro. Apenas o Brasil, cuja população sabe votar e se aperfeiçoa em tal exercício, exercitando-o, um País onde os representados ainda são melhores do que seus representantes, mas não perderam a esperança de melhorá-los. Pois mais do que a votar o brasileiro está aprendendo, em processos eleitorais ordeiros e civilizados como o de ontem, a ser votado.

O AUTOR

José Néumanne,
jornalista e
escritor, é
autor de
Veneno na Veia.

